

MEMÓRIAS DIGITAIS: “POSTS” DOS EX-ALUNOS NAS COMUNIDADES DO ORKUT

Robson Fonseca Simões

UNIR/Universidade Federal de Rondônia

fonsim2000@hotmail.com

Resumo: Numa tentativa de trazer para o debate as memórias da escola que transitam nas redes sociais do Orkut, este estudo, uma reaproximação da minha tese de doutorado, procura refletir sobre os possíveis significados das postagens, partes fundamentais no tecido das lembranças dos sujeitos. Nessas novas materialidades de escrita, os ex-alunos não se intimidam em narrar as suas histórias escolares, num processo de construção linguística contínuo, possibilitando originar diversificadas formas de evocação que não são neutras; permeadas de nostalgia, afeto, saudades, fazem andar o carrossel das representações vivas de um tempo e de um espaço, portanto, significativos para a história da Educação. Nesse ímã irresistível de interação, os usuários movem-se sobre teclados, telas, deixando registros dos costumes e práticas escolares na Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, assim como na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Será que estas escritas também servem para os olhares de investigação? Condenados a pouca duração, os depoimentos criam chances para analisar os usos e as funções da cultura escrita, descrevendo nas entrelinhas midiáticas outras histórias que perpassam a vida escolar. Os cliques desses sujeitos desmancham as possíveis fronteiras que separavam os espaços públicos e privados, desafiando as velhas categorias, demandando novas interpretações, instigando-me a pensar que o registro dessas experiências possibilita ao sujeito “desnudar-se”. Valho-me dos estudiosos Castillo Gòmes (2000), Vinhao (1997), Chartier (2002), Bauman (2011), Nicolaci-da-Costa (2006), Souza (2007), Lèvy (1999), Sibilial (2008) e Lejeune (2009) para me ajudar a pensar que os sujeitos também se constroem nos diversos suportes de escrita.

Palavras-chave: Memórias, Escritas virtuais, História da Educação.

MEMÓRIAS DIGITAIS: “POSTS” DOS EX-ALUNOS NAS COMUNIDADES DO ORKUT

Robson Fonseca Simões

UNIR/Universidade Federal de Rondônia

fonsim2000@hotmail.com

O sgt Tavares faz parte da historia do CMRJ. [...] Apos, todos estarmos sentados, ordenou que colocassemos os sapatos, e que o ultimo a calçar seria punido, teria o nome e numero anotados¹

Ele apontava o indicador para a direita, ainda com a cabeça virada para a esquerda, e gritava: VOCE, NOME E NUMERO²

Numa primeira tentativa de trazer para o debate as memórias da escola que transitam nas redes sociais do Orkut, procuro revisitar a obra épica de CAMÕES³, mais especificamente no momento glamouroso em que os heróis lusitanos, após as suas conquistas e batalhas, foram surpreendidos na ilha dos Amores, território prodigioso para novas conquistas; nesse sentido, traço uma possível intertextualidade, considerando as escritas memorialísticas nas redes sociais virtuais, territórios férteis para a História da Educação brasileira. Ora, o trabalho com a memória pode nos ajudar a descrever alguns aspectos ligados à vida escolar por meio das situações diárias vividas pelos ex-alunos, como por exemplo, no exercício militar, ou em outras palavras, a ordem unida, trazendo possíveis novidades, numa revisita ao espaço geográfico e social escolar, mesmo observando uma escrita despojada de regras normativas linguísticas.

¹ Escrita retirada do Fórum *Quem se lembra do SGT Tavares?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Eduardo C. no dia 12/11/2005.

² Escrita retirada do Fórum *Quem se lembra do SGT Tavares?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Roberto C. no dia 10/12/2005.

³ CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ed. Klick, 1999.

Os depoimentos sobre o Sargento Tavares, na epígrafe deste texto, ainda que isentos de aplicações das regras de acentuação das palavras da língua portuguesa, apoiam-se, sobremaneira, nas atividades dos exercícios militares com os ex-alunos no pátio daquela instituição de ensino, como também iluminam os hábitos de vida militar, as formas de sociabilidade do militar instrutor com os ex-alunos e as práticas culturais desenvolvidas por aquela escola. As aulas de instrução militar, portanto, estão inscritas numa rede social em que os sujeitos constroem suas representações livres de moldes ou regras linguísticos, o que não compromete o relato postado.

A leveza dos seus estilos, as formas como reconstituem o cotidiano escolar, impulsionam as memórias desses usuários às suas histórias escolares. De acordo com ECLÉA BOSI (2003), o narrador não busca recuar do presente para reviver os acontecimentos vividos; lembrar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social, referenciada pela gama de significados do imaginário social de um grupo, alimentada pelo relicário da vida pessoal, limitada pelas margens da própria atividade de escrita de quem registra e depende do trabalho de uso dessa memória individual e social.

As escritas virtuais nascem com uma vocação exibicionista para serem vistas e lidas por milhões de olhos alheios nas telas da rede mundial de computadores. Os estudos de VIÑAO (2000) indicam que as escritas virtuais podem ser um grande subsídio que marca a importância de fontes autobiográficas na escrita da História da Educação:

Um cambio radical en la nocion de privacidad. En una época en que lo íntimo es rentable o, al menos, puede serlo cuando se convierte em público, y en la que la privacidad virtual sustituye a la privacidad real – o esta última deviene virtual -, escribir diarios personales accesibles de un modo general a desconocidos- y conocidos- equivale, en el mundo de la nueva cultura escrita, al acto de mostrar, en la pantalla televisiva, los sentimientos y emociones más personales e íntimos. (VINÃO, 2000, p.14)

Mas quais os possíveis significados e intenções que os usuários atribuem aos seus textos? Esta questão suscitada é reveladora de uma preocupação em reconhecer o grande desafio que se coloca em sofisticar o repertório das histórias dos sujeitos não representadas em outros tipos de documentos. Os cliques desses sujeitos desmancham as possíveis fronteiras que separavam os espaços públicos e

privados, desafiando as velhas categorias, demandando novas interpretações, instigando-me a pensar que o registro dessas experiências possibilita ao sujeito “desnudar-se”.

A escrita, como representação de ideias ou palavras codificadas nos mais diversos suportes culturais, é parte integrante de uma realidade social; é possível entender que nesses ambientes linguísticos, os sujeitos criam sistemas, instrumentos, estruturas, para auxiliá-los na interação e no diálogo com o outro; nessa acepção, talvez, seja possível recorrer aos estudos de CASTILLO GÓMEZ (2002) para compreendermos a história social da cultura escrita:

la historia del lenguaje y de la cultura escrita no puede ser exclusivamente una historia de los sistemas de escritura, sino que debe interpretar el contenido y la modalidad de las diferentes prácticas de lo escrito. el valor y el uso que las distintas sociedades le han dado y le dan. Esto implica entender la escritura como una tecnología de razonamiento y comunicación social capaz de generar modos propios de pensar el mundo y construir la realidad, advirtiendo que esas potencialidades dependen de las condiciones de su posibilidad, de la distribución histórica de las capacidades de escribir y leer, de los discursos. (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 116)

Por sua vez, FREITAS (1998) comenta que os aspectos são significativos dentro dos contextos nos quais a comunicação ocorre, pois a linguagem é o resultado da construção coletiva de um determinado grupo social, evidencia o seu caráter sociocultural. Conseqüentemente, por se tratar de um fenômeno social, considera-se que a língua precisa ser compreendida como inseparável do processo comunicativo, sendo despertada nessas relações pelo fato de que, através da linguagem, o ser humano tem acesso à cultura e ao conhecimento que o farão refletir na relação com o outro.

Como na interação face a face, a interação tela a tela requer dos usuários algumas habilidades que envolvam possíveis conhecimentos paralinguísticos e socioculturais; isso significa dizer que essa atividade comunicacional, assim como as demais, se apresenta ligada a uma vinculação situacional⁴; não pode a língua, nessa esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva (MARCUSCHI, 1991). Nesse sentido, a linguagem pode ser entendida e produzida no e pelo contexto sociocultural. O *scrap* abaixo, encontrado na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, pode nos ajudar a pensar essa reflexão.

⁴ MARCUSCHI, Luis Antonio, *Análise da conversação*, São Paulo, Ática, 1991.

Valew, galera. Istudei de 1969 a 1971. Como eu sinto falta da nossa turma... Eu lembo que tive várias participações no colégio. Como era feliz. Pra ficar mais fácil, era conhecido no col. como Marrinha. Tb fui um dos desafinados do coral e um dos piores jogadores de futebol do colégio⁵

Escrever, portanto, se constitui uma produção de memória, e, por conseguinte, um instrumento para rever o passado; a escrita, nessas comunidades escolares do Orkut, anuncia histórias do cotidiano escolar, de festas e comemorações oferecidas pela instituição de ensino, das emoções vividas pelos ex-alunos. Assim, estas postagens constituem partes fundamentais do tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em narrar nessas novas materialidades de escrita, que interessam à história da cultura escrita⁶, e que também unem os usuários das comunidades. Nessa acepção, podemos observar a figura a seguir que apresenta o fórum *Eu me lembro!* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Vale destacar que optei em abreviar, por opção metodológica, os sobrenomes dos sujeitos e esfumegar as imagens gravadas nos arquivos para preservar a identidade dos usuários. No que diz respeito à construção do objeto de pesquisa, a primeira etapa do trabalho foi a de constituir um corpus documental, no período de dezembro de 2009 a dezembro de 2010, acompanhando e gravando arquivos com os *scraps* dos usuários⁷ das comunidades do Orkut de dez escolas⁸ no Rio de Janeiro, observando as escritas memorialísticas dos sujeitos relacionadas às suas histórias escolares. Em seguida, iniciaram-se os contatos com dez moderadores⁹, para que eu pudesse ter acesso às comunidades, enviando-lhes uma carta¹⁰ para aproximação; obtive o retorno de quatro moderadores das seguintes comunidades escolares: Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio Marista São José do

⁵ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Maurício em 24/05/2005.

⁶ Esta abordagem vem sendo realizada pelo grupo liderado por António Castillo Gómez e Verónica Sierra Blas que lançou recentemente uma coletânea de estudos intitulada “Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)” (2008). Para eles, a História da Cultura Escrita é o estudo da produção, difusão, uso e conservação dos objetos escritos; para isso busca alianças com quantos saberes, como os advindos da História da Educação escolarizada, que têm [...] como seu objeto o estudo da escrita em suas várias modalidades (p.19). Ver também: CASTILLO GÓMES, António / org. (2002).

⁷ Optei em abreviar os sobrenomes dos sujeitos e esfumegar as imagens gravadas nos arquivos para preservar a identidade dos usuários.

⁸ Públicas, particulares e confessionais: Colégio Pedro II/Engenho Novo/RJ, Colégio Santo Inácio/RJ, Colégio Sion/RJ, Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro, Instituto Superior de Educação/ RJ, Colégio Estadual Amaro Cavalcante/RJ, Colégio Militar/RJ, Colégio Marista São José/RJ, Colégio de São Bento/RJ, Instituto Abel/RJ.

⁹ Usuários responsáveis pelas comunidades escolares do Orkut.

¹⁰ Nessa carta encaminhada em 14/09/2010, eu me apresento aos moderadores das comunidades escolares como pesquisador do ProPEd, enfatizando o meu interesse pelas postagens naquelas redes sociais do Orkut; terminei esse texto, deixando à disposição o meu endereço eletrônico, aguardando um possível contato daqueles sujeitos.

Rio de Janeiro, Colégio de São Bento do Rio de Janeiro e Instituto Abel do Rio de Janeiro; a escolha pelas três escolas centenárias, situadas na cidade do Rio de Janeiro, foi um critério de seleção para a pesquisa, uma vez que o Instituto Abel localiza-se em outra cidade do estado do Rio de Janeiro. Assim, retomei o contato via e-mail, solicitando-lhes uma possível resposta a algumas questões¹¹ que foram inspiradas no questionário¹² formulado por Alberca (2000). Após receber as respostas dos questionários dos moderadores, procurei chegar aos usuários, ex-alunos das escolas, procurando entrecruzar dados com os *posts* dessas comunidades escolares do Orkut.

Observei na postagem do usuário Jesaias dos Anjos, um estilo que traz à baila os modos de vida, os costumes e práticas do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em regime de internato. A sua escrita memorialística destaca alguns amigos e procedimentos diários naquela instituição de ensino. Nas memórias do ex-aluno Jesaias dos Anjos, portanto, rotina escolar e relações de sociabilidade se misturam:

Me lembro do time de basquete, da cesta contra, do Vagner Manteiga, do Manoel, do jujuba, do pichanchão, do Gato, do Téia, do Pio, do Marcondes, do Thuthu, do Rato, do Gonçalves, do Vilarinho, do Mattos, [...] Camanho, do Gomes de Matos, do recreio, da Casa Rosa, do Abitbol, do Mineiro, do Soldateli, do Ciri, das olimpíadas, da EPCAr, do CN, da EsPCEX, de Cambuquira, do Tijuca, do Instituto de Educação, do Heitor Lira, do Carmela Dutra, do Pedro II, do Rosas, do Leonardo, do agulha, do Silas, do Telha, do Zé Pretinho, do Argens, do alojamento, do estudo obrigatório, dos Gerais Professores, do General Comandante, etc...¹³

¹¹ Quando surgiu e qual(is) o(s) motivo(s) que o levou a ser um moderador na comunidade da sua escola no Orkut? Há algum estatuto para ser moderador? Qual o papel do moderador nesta comunidade virtual? Você usa algum mecanismo para verificar de fato que um novo usuário realmente teve algum vínculo com a sua escola? Qual o mecanismo? Quais as regras utilizadas para se permitir o acesso de um(a) novo(a) usuário(a)? Você armazena todas as escritas dos usuários? Caso afirmativo, quais os critérios que você utiliza para armazená-las? Com que frequência você acessa a sua comunidade? Por quê? Na sua opinião, qual(is) o(s) motivo(s) que estimula(m) o usuário a participar desta comunidade? Quais os Fóruns que você criou com mais postagens? Você poderia identificar qual é o tema mais recorrente nesta rede de sociabilidade virtual? Você já promoveu algum encontro presencial com os usuários da comunidade? Tem vontade de fazê-lo? Alguma vez você já leu algo postado por algum usuário, do qual você não tenha gostado? O que fez? Assinale quais os tipos de textos que você mais percebe circular na comunidade: poemas, canções, crônicas, recordações, relatos, pensamentos, artigos, correspondências, fotografias, imagens.

¹² A pesquisa desse pesquisador espanhol, aplicada em 1995 e 1996, na cidade de Málaga, aos alunos universitários e do ensino médio, num total de 702 sujeitos, entre homens e mulheres, procurava entender, se mesmo num mundo dominado pela cultura audiovisual, havia espaço para a cultura escrita de um diário.

¹³ Escrita retirada do Orkut em 12/03/2010, no fórum *Eu me lembro!*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Jesaias dos Anjos em 16/04/2010.

O cotidiano escolar é atravessado por momentos entremeados por alegrias e percalços; o texto constitui-se de fatos corriqueiros, nomes dos seus amigos, professores, e traduz as suas experiências como ex-aluno de uma instituição militar de ensino; entre as postagens de outros usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, ainda no fórum *Eu me lembro!*, observa-se, a seguir, o *scrap* do ex-aluno Odilson que marca a história do seu tempo escolar: “Lembro da alvorada... Cabo e soldado corneteiro a pleno vapor... Alunos revoltados jogando travesseiros e coturnos pela janela... Depois o dia continuava normalmente até o toque de recolher às 22h:00¹⁴”.

Esses momentos eram saboreados junto ao corpo militar daquela instituição de ensino; *flashes* de experiências e rotina militar montam um painel saudoso na vida desse ex-aluno. Nota-se que a escrita do usuário Odilson também fornece pistas de uma escola em regime de internato. Como no registro do usuário Jesaias dos Anjos, é possível refletir que a memória tem seus próprios saltos e apagamentos; assim, as seleções dos acontecimentos desse usuário privilegiam certos aspectos escolares em detrimento de outros.

Quando o assunto é reencontrar velhos amigos da escola, talvez, o vínculo a esta rede possa ser uma saída para conectar o usuário ao seu passado escolar; portanto, as escritas memorialísticas desses usuários povoam esse território; nesse sentido, a seguir, observam-se outras possíveis finalidades das comunidades escolares no Orkut.

Observei que o *post* do usuário Osvaldir Paulo dos Santos, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, por exemplo, traduz o seu desejo em encontrar os ex-alunos que estudaram no período de 1970 a 1972; além disso, o seu *scrap* nessa rede social, convida outros usuários e amigos do seu tempo escolar a se inscreverem em sua página pessoal no Orkut. Nota-se, portanto, novos canais sociais que unem os usuários nessas comunidades escolares do Orkut.

Em outras páginas destas redes sociais virtuais encontram-se outras escritas memorialísticas que também procuram narrar os cotidianos das suas vidas escolares. Na postagem a seguir do usuário Rubem, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, é possível examinar a sua experiência na sala de aula com os professores.

¹⁴ Escrita retirada do Orkut em 21/04/2010, no fórum *Eu me lembro!*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Odilson em 13/04/2010.

Melhor colégio que eu estudei! A formação serve para a vida toda. Eu discordava muito com os professores na sala de aula. Cada aula era uma guerra com os professores. Dom Lourenço nada contra você. Eu é que não me enquadrava.¹⁵

Ao mesmo tempo em que se dirige à comunidade escolar, o usuário Rubem também inclui Dom Lourenço, provavelmente um educador daquela instituição de ensino, como um possível interlocutor daquela rede social; estaria o ex-aluno postando memórias inadequadas? Parece que neste espaço virtual, o navegador procura tornar público as suas histórias na instituição escolar, mesmo que possa evocar outros sujeitos; seu *scrap*, portanto, ressignifica as memórias do ex-aluno Rubem, sublinhando que estudou na melhor instituição de ensino do Rio de Janeiro.

Ao refletir sobre a memória autobiográfica, KOTRE (1997) afirma que a tem como tarefa manter todas estas identidades vivas, e faz isso vasculhando o fundo da hierarquia da memória em busca de acontecimentos nítidos, simbólicos, que tornam as identidades concretas. Mas será que o acontecimento relatado numa primeira lembrança realmente aconteceu? Os estudos daquele autor reforçam a compreensão de que:

As perguntas sobre a precisão histórica das primeiras lembranças são do guardião de arquivos. Mas a menos que você se ache prestes a enfrentar um tribunal de justiça ou precise acomodar alguma briga familiar, as perguntas do guardião têm pouca importância. O que importa, em vez disso, é o significado das nossas lembranças. (KOTRE, 1997, p.193)

As práticas das escritas memorialísticas dos usuários das comunidades das escolas no Orkut também oferecem outras possibilidades ao pesquisador, na medida em que algumas palavras ou expressões não são tão conhecidas ao serem representadas pelos usuários nessas redes sociais virtuais. Nas narrativas dos sujeitos, os usuários revisitam espaços, recordam histórias, acontecimentos que podem ser lembrados com apenas uma palavra.

¹⁵ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no fórum *Você gosta de estudar no colégio*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Rubem em 11/09/2008.

Bibico, boina, aluno, quase militar, infantaria, juntas compõem o cenário cotidiano de uma instituição militar. Por meio dessas palavras é possível conhecer aspectos do mundo militar e as possíveis vestimentas que são utilizadas pelo corpo de alunos naquela instituição de ensino. À medida que despertam lembranças, as palavras ditas pelos ex-alunos personificam uma educação militar vivida pelos usuários. Nessa acepção, os uniformes, a rotina, a vida cotidiana escolar, servem como testemunhos de um tempo escolar.

De história em história, vai-se compondo o passado dos ex-alunos e, por entre as memórias, o despojamento dos costumes, valores, práticas escolares. Os estudos de NICOLACI-DA-COSTA (2006) mostram que o computador e a internet se metamorfosearam em instrumentos tecnológicos multifuncionais, permitindo os sujeitos serem percebidos coletivamente, conectando, portanto, o outro numa espécie de telepresença¹⁶ em rede, numa experiência cotidiana na qual apenas alguns elementos (texto, imagem, som) em detrimento de outros (texturas, odores, sabores) personificam-se em espectros pelos quais os usuários se manifestam, abrindo espaço para rerepresentação dos cenários do passado nas comunidades das escolas no Orkut.

Se mudou o suporte da escrita de um diário (do papel para a tela do computador), contudo vários objetivos e funções permanecem; segundo ALBERCA (2000) a escrita e os motivos que levam alguém a escrever um diário envolvem funções terapêuticas – para desabafar, contar os desassossegos da alma; funções éticas - para guardar a memória dos momentos exemplares que se referem à boa conduta humana; e funções estéticas – para conservar o diário como ato de escrita, como expressão da cultura gráfica de seu tempo, pois a prática diarista liga-se à necessidade de introspecção, de comunicação, para contar experiências, para relacionar-se com um interlocutor ideal. Aquele autor espanhol explica que as escritas em diários podem ser vistas como um exercício do cidadão moderno sair do isolamento;

De manera general pero cierta el diário se relaciona con la soledad, y lo atestiguan la mayoría de los testimonios, que lo consideran como un ejercicio y un refugio para combatirla, para salir del aislamiento y, finalmente, para superar la falta de comunicación. [...]Pero no se debe olvidar que para escribir un diário, em el gesto y em el fondo, se precisa también recogimiento y aislamiento, que se necesita y se debe optar em muchas ocasiones por estar solo. (ALBERCA, 2000, p. 35).

¹⁶ LOBO, Luiza. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Vivendo-se num impacto de revoluções tecnológicas das mais variadas ordens documentais e de uma enorme ampliação de memórias históricas, não é possível permanecer com olhos vendados para o universo virtual. NUNES (2005) lembra ainda não ter sido explorado sequer a quarta parte de um mar de documentos que nos ameaça afogar, que obriga o pesquisador a sucessivos mergulhos. Se os diários de viagem, correspondências, relatórios de diretores, de professores, memoriais, desenhos e fotografias aguardam o olhar atento dos pesquisadores, as páginas das comunidades escolares do Orkut devem fazer parte, também, do repertório de textos que contribuem para a investigação de outras escritas memorialísticas.

Algumas postagens nas comunidades das escolas trazem também algumas histórias que contam episódios relevantes, mas que não necessariamente representam memórias favoráveis às experiências no passado escolar, como se pode examinar a seguir: “Não gostei muito de estudar nesse colégio! Por isso pedi transferência para outro colégio, e não me arrependi!!!!!!¹⁷”. A postagem do usuário Victor, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, pode ser também um testemunho de outras situações ocorridas no colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Por ser uma instituição confessional, talvez a disciplina rigorosa afastasse outras possibilidades mais aprazíveis de se viver o cotidiano escolar. Nesse sentido, ECLÉA BOSI (2000, p.89) afirma que “a memória é um trabalho sobre o tempo - do quem sou eu hoje, em direção ao passado para refazer, reconstruir, repensar.”

Navegando nas águas da página oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro¹⁸, observa-se o lema “Integridade, Trabalho em equipe e Cidadania”, que pode despertar a atenção dos pais, alunos, da sociedade em geral; o site possui elementos e recursos convidativos: links com os departamentos da escola, fotos, áreas restritas a alunos, programação semanal da escola, entre outros, para convencer o interlocutor da sua importância no ensino fundamental e médio na cidade do Rio de Janeiro.

Há também a menção de que nos anos de 2003, 2004, 2005, 2007 e 2008, essa instituição de ensino foi a primeira colocada no ranking do [Enem](#)¹⁹, tornando-se teoricamente, a partir deste critério, o melhor colégio do Brasil. Observa-se também que há a ênfase em registrar na página oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro que ex-alunos ilustres do país estudaram lá; entre eles estão: [Antônio Silva Jardim](#), advogado e jornalista, [Arnoldo Camanho de Assis](#), desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, professor universitário, [Benjamin Constant](#), militar, Ministro da Instrução do 1º governo republicano. Nesse sentido, observa-se uma instituição confessional com renome na

¹⁷ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no fórum *Você gosta de estudar no colégio*, da comunidade do colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Victor em 18/09/2008.

¹⁸ Disponível em <<http://www.csbrj.org.br/novo>> Acesso em 22/04/2010.

¹⁹ Exame Nacional do Ensino Médio/ ENEM.

cidade do Rio de Janeiro. Despertando o interesse de outros interlocutores nesse mar da web, as redes sociais virtuais parecem que cumprem o papel em poder revelar, exibir, mostrar as memórias dos seus usuários com as postagens que trazem outras histórias, distantes daquelas encontradas nos regulamentos oficiais das instituições de ensino, a saber, nos seus sites oficiais²⁰.

É possível nos surpreendermos nesses Fóruns virtuais, mediados pelos moderadores, da mesma forma que possamos nos admirar com os relatos nos cadernos, nas agendas, nos diários dos sujeitos com as suas histórias escolares. Talvez ali, numa direção adversa dos possíveis registros oficiais das instituições de ensino, estejam registradas outras histórias das culturas, histórias da vida escolar dos ex-alunos. Se essas redes sociais virtuais também são feitas de produções e tensões que nos permitem elaborar e partilhar sentidos, talvez ali mesmo, na fluidez e na intensidade dos fluxos, nos borramentos das fronteiras virtuais, seja possível observar imaginários e histórias, construindo em trânsito e em processo, quem sabe, os relatos de memórias que não puderam ser registrados em outras materialidades.

Resta o desafio de não deixarem desmoroná-los, como os castelos de areia são desmoronados com os ventos do deserto, mas procurar deixar as memórias se fortalecerem, mesmo no universo efêmero, no imperativo da conexão, sob os olhares dos mediadores nas comunidades escolares do Orkut. Talvez assim, possam existir novos *refúgios para o eu*. Mas quem disse que isso é o fim? Se a efemeridade habita os suportes virtuais, certamente, amanhã outras redes sociais estarão franqueadas à visita dos pesquisadores que desejarem examinar outras histórias de um tempo escolar.

Referências

- AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada*, 3: da Renascença aos Séculos das Luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense universitária, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. “A Face humana da Sociologia”. In: Estado de São Paulo online, 2011. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/a-face-humana-da-sociologia>> Acesso em 30/09/2011.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ed. Klick, 1999.
- CASTILLO GÓMEZ, Antônio (org.). *História de La cultura escrita*. Madrid: Trea, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2002.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

²⁰ Priorizei visitar e pesquisar somente fontes e documentos disponibilizados na internet, encontrados no espaço virtual, tendo em vista que o objeto de estudo são as escritas memorialísticas da web.

- LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (org). *Cabeças Digitais: O cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: Ed.Pucrio, 2006.
- RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SOUZA, Elizeu Clementino. *O conhecimento de si: estágios e narrativas de formação de professores*. Salvador: Uneb, 2007.
- VIÑAO, Antonio. Las autobiografias, memorias y diarios como fuente historico-educativa: tipologia y usos. In: TEIAS: Revista da Faculdade de Educação, UERJ. Rio de janeiro, n.1, jun. p. 82-97, 2000.